

alma de cristal

Anna Amelia

Belo Horizonte
5-11-96

Princesa querida

Uma lembrança da Dani
que espero que te traga
boas lembranças
Com beijos da

Tia Marcia



ANNA AMELIA
alma de cristal

BELO HORIZONTE
BDMG CULTURAL

1996



*Casa onde nasceu Anna Amelia
Estrada Nova da Tijuca, RJ.
H. Trabolet, 1895 - óleo sobre tela*

SUMÁRIO

Biografia	7
Dentro da noite palpitante ... (poema manuscrito)	8
Introdução - Cyro Siqueira	9
Carta de Anna Amelia (manuscrita)	13
Texto - Clara Arreguy	14
Serra do Cipó (manuscrito)	37
Poesias	
Coração	51
Canto ao Trabalho	53
Mal de Amor	55
Crianças	57
Soneto para a Morte	59
Minha Filha	61
O Cemitério Pobre	63
Obras de Anna Amelia	64
Referências sobre Anna Amelia	65
Transcrição da Carta de Anna Amelia	68

*Visto na Legação do Brasil no Egypt.
Em qualquer parte para: Palestina,
Líbano, Turquia, Grécia,
Bélgica, França, Alemanha,
Cairo - So de Setembro a*

*América do Sul
Chicago - 10/11/67*



629/42



P.T. 36



Category A 7758
Seen good for PALESTINE
On a Touring Visit



Gabe



- BIOGRAFIA**
- 1896 - Nasce no Rio de Janeiro. Filha de Laura Machado de Queiroz e José Joaquim de Queiroz Júnior, pioneiro da indústria do ferro no Brasil.
 - 1897 - Vem do Rio para Itabirito, MG, onde funciona a Usina Esperança. Permanece até 1911.
 - 1911 - Publica seu primeiro livro de poesias, "Esperanças".
 - 1917 - Casa-se com Marcos Carneiro de Mendonça, conhecido desportista, industrial e historiador. São 3 os filhos do casal: Márcia, José Joaquim e Bárbara Heliodora.
 - 1928 - Funda a Casa do Estudante do Brasil, da qual vem a ser presidente vitalícia.
 - 1934 - É a primeira mulher membro do Tribunal Eleitoral, fazendo parte da mesa apuradora.
 - 1935 - Representa oficialmente o Brasil na Comissão Internacional de Mulheres, em Istambul, Turquia.
 - 1942 - Representa o Brasil na Comissão Internacional de Mulheres, em Washington, EUA.
 - 1967 - Convidada pelo governo de Israel, representa a mulher brasileira no Congresso Internacional Feminino pela Paz e Desenvolvimento.
 - 1971 - Morre no Rio de Janeiro.

VISTOS

EMBAJADA DE
FIESCO n°
NUNO PARE
Valido por
4 varios
de Junho 13 de



Assinatura do titular / Assinatura do portador

Dentro da noite palpitante
Eu sou uma onda clara
Que traz do mar sem termo
Um anseio sem nome...
Uma nota perdida
Na orquestração da vida...

Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça



Ao apresentar este livro dedicado à exposição em torno da vida e da obra de Anna Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça, confesso que o faço dominado pela emoção. Emoção, em primeiro lugar, por haver abraçado, em função do cargo que ocupo no BDMG Cultural, a idéia de homenagear uma mineira que de tão mineira que era deu à sua filha caçula o nome de Bárbara Heliadora, a musa da Inconfidência Mineira.

Emoção que mais se emociona ainda quando, através deste livro e desta exposição, o BDMG Cultural está homenageando uma mulher que soube fazer de sua vida uma obra não só de arte mas do se dar constantemente, conforme o testemunho unânime daqueles que com Anna Amélia tiveram a alegria de conviver, à missão apostólica de confiar na juventude, não tivesse sido ela a "alma mater" da primeira Casa do Estudante criada neste país.

Límito-me, portanto, a tratar dessa dupla emoção. Da importância deste livro e desta exposição, ambos falam por si mesmos, no texto perfeito de Clara Arreguy, bem como em alguns dos poemas definitivos de Anna Amélia. E na exposição, amostras de uma vida exemplar.

Cyro Siqueira



AUTOGRAPH 
 ALBUM

alma de cristal
ANNA AMELIA



14
fazer a fazer ver de que
começa a fazer e a fazer. In
muito mais, temore me tem
da condão presenças que há
de lá ver, e a condão magi
oacã de qualifica, melho e
orhao presenças infante que me
deixa fazer infante. Deito
publicado e meu primeiro livro
com 14 annos, elle se encontram na
mao de João Carlos em 12 e 13, sendo
em aucto guardado em anexo que
nao se acham se ligam returne de
Speranza. A minha industria foi
fada feita em casa, na minha Speranza
fabrica de ferro que me foi adquirida
me mais de 10 annos, e na qual habia
seus um devedor porista pelo dis
tribua multiplica de milhares de
lavoura me mais, deixando as minhas
muito de que me sigue fundamente,

Anna Amelia, Alma de Cristal

Clara Arreguy

1 - Talento múltiplo

Não tem limites a vastidão de qualidades e, portanto, de adjetivos, que se precisaria empregar para descrever uma personalidade como a de Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça. A multiplicidade de facetas de que se valeu para conviver com seu tempo chama atenção logo de início: poeta sensível, mulher pioneira, mãe de família amorosa, defensora da educação e dos estudantes, militante das causas mais nobres, entre elas a da igualdade de direitos da mulher, Anna Amelia transformou em ação todos os ideais que sempre a moveram e construiu uma história de poemas escritos e feitos concretos - ainda hoje, 25 anos depois de sua morte, visíveis e marcantes.

No dia 17 de agosto deste ano, celebrou-se o centenário de nascimento de Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça. A autora de "Esperanças" e "Alma", presidente da Casa do Estudante do Brasil durante mais de 40 anos, nasceu no Rio de Janeiro mas foi criada em Itabirito (MG), na Usina Esperança, primeira siderúrgica comercial a funcionar regularmente no Brasil, um pioneirismo de seu pai, José Joaquim de Queiroz Júnior. Viveu junto aos filhos dos empregados da usina uma infância alegre, em meio a partidas de "football", um modismo recém-chegado ao País.

Não estudou em escola - por intermédio de pacientes preceptoras, ela e sua irmã Laly (Laura Margarida), dois anos mais nova, aprenderam a cultura geral que as distinguiria entre as moças logo que voltaram para o Rio, quando o pai adoeceu e a família foi buscar tratamento na então Capital Federal.



Anna Amelia e sua bebê Dedé

e um exemplo nobre e grande de Pa-
lathador incantavel. Para o operario
dessa usina, que hoje tem o nome do seu
chefe, Nrsia Queiroz Junior, era
elle um verdadeiro amigo, um compa-
nheiro dedicado que todos procuravam
sua palavra fluente e serena, revelava. Elle ^{no principio gutachis}
e ouvia com prazer. No seu lado, mi-
nha mãe ^{compaunha} ^{prograda e uniga} ^{no lado meu} ^{notund de billa de} ¹⁹
espalhava pela pequena
fábrica em toda a fabrica, e até pelos
recantos do vale em que se erguiam
casas de tech de sapê, uma bondosa
solicitude que era o amparo das fa-
mílias pobres, das criancinhas do-
entes, das mulheres sem recursos.

Nessa ambiente de moral superior,
de uniao e de fraternidade com os
infelizes, começamos, minha irmã
Paula ^(se mais tarde nascera de Joo) ^{de Joo}
e eu, a viver a
a sentir a verdadeira philantropia
procurando não se instituir habi-
tos de hygiene e de educacao en-



*Casa da família Quatro na
rua Quatro e da Laura com as
filhas Laura Monteiro e Fátima
e Anna Amélia*

O temperamento ativo rendeu boas histórias sobre a meninice de Anna Amélia. Em meio à famosa "pelada" de futebol junto aos filhos dos empregados, mais crescida de corpo do que propriamente de idade ou maturidade, sua mãe, dona Laura, obrigou-a a usar uma faixa na cabeça: "Tenho apenas 11 anos". Foi a saída que encontrou para evitar o falatório da vizinhança. Ainda naquele tempo, os pais de Anna Amélia mandaram publicar seu primeiro livro de poesias, "Esperanças", ela ainda com 15 anos, e o resultado foi surpreendente pela maturidade da jovem poeta.

"Chuvada, chuvada,
eu fui ver
não era nada"

Aprenderam também inglês, francês e alemão. A rima, parece que Anna Amélia nunca teve que aprender; toda a família se lembrava da menina de pouco mais de três anos a exclaimar, de olho no tempo, ainda sem dominar todos os erres:



Anna Amélia e Fátima

A mocidade de Anna Amelia foi passada no Rio de Janeiro, para onde a família Queiroz se mudou em busca de tratamento para o patriarca que adoecera gravemente. Os primeiros anos do século encontraram o Rio em plenas - e conturbadas - mudanças sanitárias, com a construção de avenidas e acessos, a derrubada e a implantação de bairros inteiros.

J.J. Queiroz Junior e Dona Laura foram morar com a família dela. Os primeiros anos foram muito tristes, pelos cuidados que a saúde do pai demandava. Tanto que a temporária Jujuca (Maria Jose), terceira filha do casal, que nasceu 13 anos depois da caculinha Laly, foi mandada para o Colégio Ston, para conviver com crianças e com menos tristeza. O casamento de Anna Amelia, no final de 1917, não foi nada festivo; poucos meses depois, morta o pai, para grande consternação de toda a família.

2 - Histórias de amor

As três irmãs: Anna Amelia, Maria Jose (Jujuca) e Laura Margarida (Laly)



falar convenientemente o francez, o inglez⁴
e o allemão, fizemos todos os estudos
primarios e secundarios alem de um
pouco de musica. A tarde viviamos
numa vida sadia e sportiva, jogando
bola e pelear, andando em bicyclette,
montando a cavallo, e correndo com
a mançada da Logis. A noite, sob
a lampada da velha mesa de jantar
ouviamos da voz sonora e vibrante
de meu pai as mais interessantes
e proficuas leituras, desde o theatro
dramico e dos discursos celebres, até
os grandes mestres contemporaneos e
os poetas da nossa terra.

Tinha eu 16 annos quando veio
morar definitivamente no Rio. Meu pai
já começava a sentir os perniciosos
effeitos da moléstia fatal que o levaria cinco annos
mais tarde, e a sua saúde ameaçada re-
queria a assistência de muitos médicos.
Começou então a minha vida no Rio.

Logo nos primeiros tempos, o prazer da
vida ao ar livre e o gozo do sport levaram
me a ser uma ardida frequentadora dos
campos de foot-ball, cujo exercicio era
naquella época o centro de attracção mais
constante da sociedade e dos rapazes das
melhores familias carnicas. Foi por en-
tre os aplausos freneticos da multidão
e o delirio dos torcedores entusiasmados
que vi pela primeira vez Marco de
Mendonça - o homem que seria no meu
destino o companheiro para toda a vida.

Por uma casualidade propicia fondei
elle a proximidade de mim e venço a mi-
nha quasi selvagem esquivança: a des-
coherência de pelhas e tradicionais relações
entre as duas familias.

durante quasi tres annos, foi o meu
idyllia uma romantica inclinação senti-
mental, uma affeição sustentada apenas
pela imaginação, incapaz de expansões e
attitudes definitas. Em fins de 1915 oramos
noivos, em 1916 annunciava-se official-
mente o pedido de casamento.



Marcos Carneiro de Mendonça

FLUMINENSE FOOTBALL CLUB



"Foi sob um céu azul, ao louro sol de Maio
Que um dia eu te encontrei, formoso como Apolo,
E o meu amor nasceu, num luminoso raio
Como brota a semente à umidade do solo.
Havia tanta vida! Era tão verde o campo!
E eu senti-me num clarão muito doce;
E esse clarão cresceu, cresceu e acentuou-se
Como o sol ao raiar pelo horizonte escampo."

Do casamento de Anna Amelia com Marcos Carneiro de Mendonça nasceu, junto com um companheirismo e uma afinidade que faria o casal inseparável, apesar de tantas e tão variadas atividades, uma prole de três filhos: Márcia, Juko (José Joaquim) e Bárbara Heliodora, que no futuro lhes dariam 13 netos e 23 bisnetos.

Nasceu também, naquela ocasião, uma convivência familiar alegre e movimentada, que incluía saraus e tertúlias com a intelectualidade carioca, agregados e amigos que foram sendo colecionados ao longo da vida. O clã não era rico, mas vivia bem, atuava com inteligência e graça, angariando boas relações com a elite cultural da cidade. Todos da família se lembram da saudável fuzareca que sempre foram os jantares, os aniversários, as festas de Natal. Até para escutar o "Repórter Esso" a irmã Jijuca, que se casara com o promissor jornalista Austregésilo de Athayde, futuro presidente da Academia Brasileira de Letras, vinha juntar-se à turma de Anna Amelia e Marcos, depois do jantar.

Secções em que é



Marcos de Mendonça
 (F. F. C.)

Marcos, goleiro do Fluminense

do esse tempo continuava a fazer a rasão de
ser da minha vida, e da minha arte.
Quico annos mais tarde, animada pelo
interesse do mundo intellectual, cujo con-
vicio si de longe em longe procurava, mas
cujo apoio se apresentava espontaneamente
em todas as occasões, ~~foi dada ainda pelo~~
~~de desejo que meu marido e minha mãe de~~
~~manifestarem de vez publicadas as minhas~~
~~novas produções, * Penn, as 2015 o título~~
de Aluna, um volume formado por seis
partes, e constando de quasi todas as
produções colecionadas em dez annos
de silencio. A obra foi a melhor que
me seria de lá esperar, e o livro teve
uma ^{grande} referencia enorme aqui e nos esta-
dos; valendo-lhe ainda a coincidência de
salir na mesma época, ^{na} que o Prof. Tasso
de Roalima e da Mulher mia de Gilha,
o que focalizou vivamente a attenção do
publico para esses bons trabalhos femininos.
Quatro annos depois, em 1926
Nesse mesmo anno estive com meu marido
no Recife e ~~do~~ ^{no Recife e} Bahia, onde, durante o rapido ~~est~~

3 - Em defesa da educação

Com uma intensa movimentação na vida social, em breve Anna Amelia deixaria de ser apenas a mãe de família dedicada - que, grávida de Marcia, ficara imune à epidemia de gripe espanhola para cuidar de todos em volta - para abraçar uma vida intensa e agitada em prol dos mais carentes. Inspirada apenas pelo humanitarismo mais desprendido - nem os Queiroz nem os Carneiro de Mendonça tiveram formação religiosa - começou a trabalhar na obra do Pró-Matre, um hospital para mães pobres do Rio de Janeiro.

*Festa da Primavera
Coroação de Anna Amelia como
Rainha dos Estudantes - 1928
A sua esquerda,
Paschoal Carlos Magno*



Em 1928, em evidência por sua atuação social, cultural e assistencial, foi convidada por um grupo de estudantes, à frente Paschoal Carlos Magno, para ser a Rainha dos Estudantes daquele ano. Embora nunca tivesse estudado numa escola, Anna Amelia iniciou ali a obra que a tornaria conhecida em todo o Brasil: adotou como sua a causa da educação, e sua luta prioritária naquela conjuntura do País e do ensino, a criação da Casa do Estudante do Brasil, para apoiar os alunos carentes que se mudavam para o Rio de Janeiro. Moradia, apoio de toda natureza e uma formação mais ampla faziam parte da idéia geral que inspirava a CEB em suas primeiras articulações.

Sem uma fonte certa de recursos, a construção da moradia estudantil demandava uma incansável campanha que só a garra de Anna Amelia conseguiria tocar, não sem envolver família, amigos e todo seu círculo de relações. Festas, mostras, teatro, feiras de livros, valia tudo para arrecadar os fundos necessários. Entre as iniciativas promovidas por ela, tinha lugar até para um jocoso "circo de horrores": venha ver um porco com oito patas, conclamava o apresentador - e efetivamente havia lá dentro um porco ao lado de oito marrequinhas...



*Casa do Estudante do Brasil.
Anna Amelia, ao centro, na janela.*

A Casa do Estudante do Brasil foi fundada em agosto de 1929, ainda numa sede provisória, no Largo da Carioca, Centro do Rio. Além da moradia, oferecia também refeições a preços acessíveis e um ideário formado pelo tripé assistência-intercâmbio-difusão cultural. O primeiro item incluía serviço médico e odontológico; restaurante, com programas de assistência alimentar; bureau de empregos, com registros de pedidos da indústria e do comércio; matrículas junto à universidade; programas de psicologia aplicada e orientação profissional; concessão de bolsas; sem falar, é claro, na moradia.

No tocante ao intercâmbio, a CEB promovia correspondência entre estudantes, conferências e estágios, participava de organismos internacionais, enviava e recebia visitas de delegações. Para difundir a cultura, além de manter uma biblioteca, a Casa patrocinou um movimento que revolucionou a cena da época: o Teatro do Estudante, à frente Paschoal Carlos Magno, que introduziu mudanças radicais na linguagem teatral, como a eliminação do ponto, estabelecendo a necessidade de um diretor para dar unidade ao espetáculo; combateu os preconceitos contra os artistas, estimulou a melhoria dos repertórios e ainda formou gerações de atores, figurinistas e cenógrafos - um dos nomes célebres que saíram de seus quadros foi o ator Sérgio Cardoso.

muitos outros.

(9)

Tenho escrito pouco em jornaes. Somente de hoje, algumas crônicas avulsas no Globo, uma colaboração mensal de dois annos no O jornal, e actualmente, umas pequenas crônicas femininas no Diário de Notícias.

Fiz em 1929 uma conferencia no Instituto Historico e Geographico, a convite do Lord de Affons Celso, sobre "Petras e Proadoras Brasileiras", conferencia que recentemente publicada na Revista do Instituto Historico e Geogr. deose gener de literatura, em que nunca me especializei, só fiz, ha pouco, mais uma palestra, intitulada "Um salto de meu século" e que se refere a' evoluções da mulher nestes ultimos annos.

A palavra falada sempre me procura esquivar, e não sei para dizer com a maior veracidade e despretensões o meus proprio

No início dos anos 40, a CEB ganhou um terreno para a construção de sua sede própria, com 12 andares, na rua Santa Luzia, 365, esquina com avenida Presidente Wilson, na Esplanada do Castelo. Em 1942 começaram as obras. Depois de mais uma guerra de campanhas para obtenção de fundos, a sede definitiva da Casa do Estudante do Brasil foi inaugurada em agosto de 1945.

Anna Amélia esteve à frente da CEB durante 42 anos. Em todos os períodos enfrentou dificuldades - do jovem Carlos Lacerda, que participava da entidade mas resistia à sua presidente perpétua, acabou conquistando a confiança e a amizade, não sem antes entabular com ele acalorados embates. Nossa poetisa era também uma amante da controvérsia e sua inteligência e profunda formação cultural desarmaram o polemista virulento que Carlos Lacerda se preparava para ser.

Como amiga de Dona Darcy Vargas, esposa do presidente Getúlio Vargas, angariou pelo menos um importante apoio do futuro ditador: em 1933, o dinheiro arrecadado pelas campanhas populares para pagamento da dívida externa do Brasil, que obviamente não daria nem para começo de conversa, foi destinado à Casa do Estudante, descontada uma parte do valor, repassada à Casa da Infância de Sergipe.



Anna Amélia em campanha pela Casa do Estudante do Brasil.

vêrto, e para falar, às vezes, ao estu-
dantes, cuja causa me interessa viva-
mente e cuja symphonía me exige, for-
tezas algumas palavras de entusiasmo.

Em 1928⁸ ainda, fui por elle feita "Bai-
nha dos Estudantes," título symbolico e fic-
ticio, cuja inconsistente significação pro-
curei transformar em actividade eficiente
na organização de um plano de defesa
dos interesses da classe academica e da so-
lucão do problema da habitação para os
moços universitarios, plano que já
vivia na aspiração sincera dessa mocidade
de idealista rememido na ideia da Casa
de Estudante - centro de uma nova vida
da vida escolar e de ~~colaboração~~ ^{cooperacao} ~~trabalho~~ ^{trabalho} ~~dos~~ ^{dos} ~~estudantes~~ ^{estudantes} superiores. Foi fundado um Comité
Central na Casa de Estudante, sendo elle em
adelantada presidente de mesmo.

No terreno da philantropia, dediquei-me
desde muito a grande causa das mães
desamparadas e das orfandades devotas.

*Festa de Amostras, RJ, 1966
Festa em benefício da Pró-Matru.
Anna Amelia ladeada pelo presidente
Washington Luis e Carlos Seidl*



Nos anos 60, a entidade ainda conseguiu ampliar sua área de atuação, ao receber a doação de um terreno do empresário Conrado Mutzenbecker, amigo de Anna Amelia. Ficava na Urca e abrigou a moradia feminina, que funciona até hoje.

A CEB, por sua vez, sofreu os efeitos da conturbação do País naquela década e foi fechada pelo governo, em 68. Passou então a fornecer bolsas para estudantes carentes e, depois da morte de Anna Amelia, em 71, manteve suas atividades no mesmo esquema. Alguns anos mais tarde, filiou-se aos movimentos alberguistas, transformando a moradia estudantil em albergue da juventude. As bolsas e demais formas de apoio continuam a ser custeadas pelo aluguel de parte da sede da entidade.

lidas, tendo sido eleita ^asecretaria da
Associação do Estado, onde, no seu exemplo
de uma presidente respeitada, - pela Guerra
Civil, e' um incentivo constante ao
nosso desejo de fazer bem. Soube dois
anos Vice presidente da mesma, aialan
do de ser reeleita para o proximoennio.
Faco parte do Conselho Director da Associação
Brasileira de Educação, da Directoria da
Associação Christã Feminina, do Conselho
da Associação dos Artistas Brasileiros, de
uma ^{Secção} ~~Comissão~~ da Federação Brasileira, de
do Progresso Feminino, de uma comissão da
Federação das Sociedades de Assistência ao doente,
sendo ainda socia de innumerables outras
organizações de assistência social.

Não professo nenhuma religião
auxilio constantemente festas e beneficis
de associações de todas as orientações
religiosas, interessando-me, apenas, pelo
socorro que ellas gozam trazer a huma-
dade que soffre e que precisa de auxilio.

4 - A voz feminina da poesia



A veia artística de Anna Amélia pulsava desde sua mais tenra infância. Remontam a esta fase da vida seus primeiros passos na poesia. Da mente inspirada da menina começaram a brotar versos com uma fluidez e uma facilidade que até surpreendiam a família. Se "Esperanças - Recordações de Infância" foi publicado pela Garnier francesa em 1911, ela portanto com 15 anos de idade, seus 22 poemas foram compostos ainda antes, por uma alma de criança que já revelava profundidade formal e de conteúdo.

As dezenas de manifestações recebidas de pessoas que tiveram acesso a seu livro de estreia, por ocasião de sua publicação, atestam a maturidade precoce revelada pela poeta. Igualmente a imprensa registrou o lançamento, em jornais como o "Correio da Manhã", "O Paiz", "A Gazeta", "Jornal do Comércio", todos do Rio, "A Tarde", de Belo Horizonte, "Vozes de Petrópolis", e até em jornais de Portugal. Dai em diante, foram constantes as citações elogiosas à sua obra e à sua pessoa, vindas de escritores, críticos, intelectuais e jornalistas. Carlos Drummond de Andrade, Assis Chateaubriand, Mário de Lima, Barbosa Lima Sobrinho, Theophilo de Andrade, Austregésilo de Athayde, entre tantos.

Criar filhos, cuidar da família e atuar voluntariamente na causa dos estudantes não impediram Anna Amélia de manter uma produção constante. Todos que conviveram com ela ainda se lembram admirados de sua capacidade de concentração. Enquanto, em volta da mesa, discutiam-se todos os assuntos, enquanto todos riam, cantavam ou contavam casos, ela mantinha a cabeça baixa, a pena correndo no papel. De repente, exclamava: acabei. E dali saía nada menos que a tradução de um soneto de Shakespeare, ou de Goethe, ou ainda um de sua própria lavra.

Domin a minha vida social e resumir ⁽¹²⁾
em procurar ser útil aos meus semelhantes,
como a minha vida íntima se re-
sume em procurar fazer a felicidade
dos que me cercam. Moraes, meu
marido e eu, com minha mãe, a mãe
Marquez de Alente 189. Temos tres filhi-
nhos - duas meninas e um rapaz, que
são a nossa grande alegria na vida. A
deusa lembrança de uma pequenina que per-
demos aos sete meses, é a moça murum que
perthorha a serena felicidade que realizamos.

Vejo que me alongarei demasiado na
dissertação que lhe devia sobre a minha vida.
O J.º fará um resumo dessa historia, lá
pouco valiosa, e dará aos seus leitores
apenas o indispensavel á orientação
do seu trabalho.

Seu mais, e mais - o
cordialmente

Anna Amelia não se limitou a tecer poemas e traduzir obras do inglês, do francês e do alemão. Além de “Esperanças”, “Alma”, “Ansiedade”, “Harmonia das Coisas e dos Seres” e outros volumes poéticos, publicou também uma conferência, “Castro Alves, um estudante apenas”; “Jóias do Brasil Antigo”, um livro sobre um tema que muito a agradava, antiguidades; e um diário de viagem, “Quatro pedaços do planeta no tempo do Zeppelin”.



Neste último, a escritora faz um relato sobre uma das atividades que mais a marcaram: a defesa dos direitos da mulher. De atuação destacada entre as mulheres de seu tempo, embora nunca desse conotação eleitoral aos trabalhos que realizava, Anna Amelia era sempre convidada a representar a população feminina brasileira. Em 1935, instada a representar a líder feminista brasileira Berta Lutz, foi parar no Congresso Internacional de Mulheres, em Istambul (Turquia).

O evento, por proveitoso que tenha sido para discutir problemas e soluções para a opressão da mulher em todo o mundo, serviu também como pretexto para uma aventura de maiores proporções: Anna Amelia, seu marido Marcos e a filha Márcia voaram do Rio para Munique de Zeppelin, chegaram à Turquia pelo lendário Expresso Oriente e, depois do congresso, durante três meses, percorreram quase toda a Europa e uma boa parte da Ásia, de trem, navio, automóvel e avião, conhecendo e explorando todas as novidades - e antiguidades - culturais possíveis.

Oriente Médio, Síria, Grécia, capitais e províncias europeias foram esquadrihadas, com a família recolhendo preciosidades para a coleção de arte que já mantinha, fazendo amigos e deparando com o insólito - um dos fenômenos que mais chamaram a atenção da cronista em sua viagem foi o nazismo nascente na Alemanha, já mostrando as garras de um autoritarismo que assustou a viajante pacifista.

Anna Amelia, como a Casa do Estudante que presidiu durante anos, não afirmava nenhuma ideologia que não fosse a democracia, a pluralidade de opiniões, a defesa da paz e da liberdade de expressão do pensamento. Duas de suas frases mais célebres inclusive se referem a esta posição. A primeira, em resposta a um delegado de polícia que havia prendido alguns estudantes, a quem se recusava a soltar: "Dona Anna Amelia, eles são comunistas", ele acusava. E ela: "Mas é claro, se não fossem eu não estaria aqui para soltá-los". A segunda, ao ser convocada a dar seu apoio a algum comando anticomunista: "Com tanta coisa para eu ser a favor, não vou gastar minha energia sendo contra".

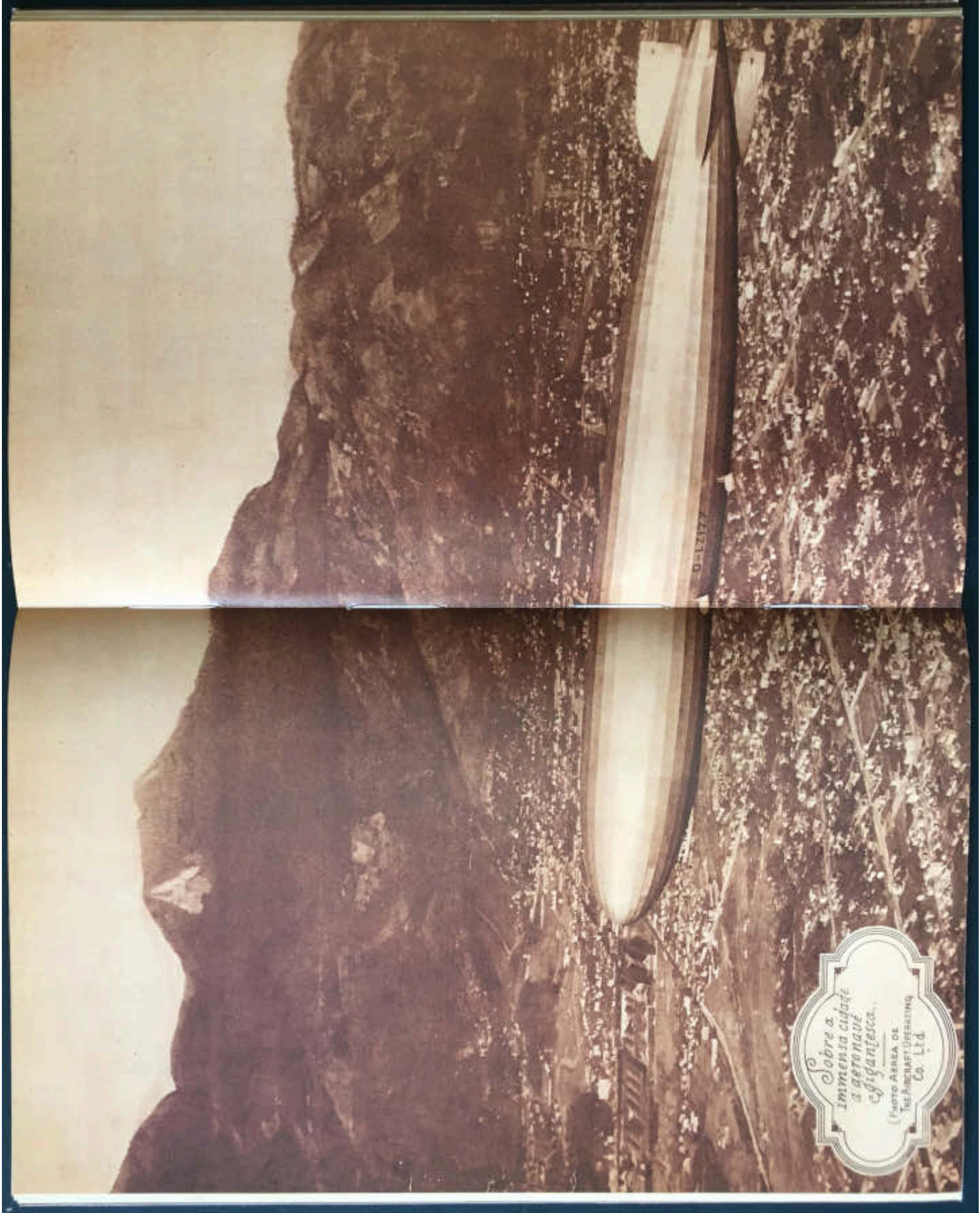
Anna Amelia voltou a representar as brasileiras em outro evento internacional: foi a única avó presente ao Congresso das Mulheres pela Paz, em Israel, em 1967. Seu pioneirismo, no entanto, vinha da década de 30: em 1934, na primeira eleição que teve eleitoras e candidatas, foi a única mulher a integrar o Tribunal Eleitoral, participando da comissão de apuração das eleições para a Constituinte.



União Universitária Feminina, RJ, década de 30 - Anna Amelia ao centro, sentada

do monte, surgem do tronco rubro, como estranhas
cabeças de reptis amareladas. Esta; é uma face
negra e deformada, em contorções de raiva. Este
tronco partido, e um dorso de negro, vergasta
do pelo chibote impiedoso dos temporais.

É a vegetação de novo, uma sequencia intermi-
nável de cores, de formas, de cheiros, de bellas
As sempervivas, rasteiras e delicadas, as glicimas
pendendo em cachos de amethysta, as roseiras,
agrestes, as glantinas singelas, os pinhos de
ouro de uma pequena ~~parasita~~ orchydea, as
finas folhas dos capins variados, as leguminas
os ~~caros~~, as grammas, os ~~quizes~~, as ~~peperonias~~
~~crem-mo~~, ~~incubom-mo~~ ~~expen-se~~ ~~cael~~ ~~lodo~~
nos como as que se espedicadas, ~~theyoum~~, en-
lhados ás mãos gheias por um delicto ~~proprio~~
Diante de quella riqueza incalculavel de mininos
de marmores, de vegetação, de jado, ~~deu~~ ~~com~~
que revires em mim por um segundo a almas estran-
geira de um ~~dashus~~, ou de um ~~Saint Hytaire~~
diante de em eclase diante da nossa ~~tra~~ ~~espera~~
e palpitando de espanto sagrado ante a ~~prodiga~~
boa das possibilidades ~~luminosas~~ que os olhos ~~maior~~
de sciencia aqui souberam ver.
No alto do Serra di Cipro, estendendo por uma ~~dis~~
lancia imprista os olhos extasiados, em me senti
mais forte e mais feliz. N. F.



*Sobre a
imensa cidade
a aeronave
gigantesca.*
(FOTO AEREA DE
TELEGRAPH
Co. Ltd.)

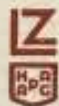
Margarite Heiske Moorea Monika.
 J. J. Meunier Hoop
 F. J. Meunier Alsa & P. de Autz-
 G. J. Meunier Guo M. J.
 W. J. Meunier Antoine J. de Paris
 K. J. Meunier Baron Eggold de San Felix
 A. J. Bellair Chilo Futuro
 O. J. Meunier Maria Camillo de Mendoc.
 L. J. Meunier Paulo J. J. J.
 + A. J. Bellair Antoine de J. J. J.
 J. J. Meunier Paulo J. J. J.
 O. J. Meunier Antoine de J. J. J.

Sobre o oceano, na linha do Equador,
 em 13 de Abril de 1935.

Rio de Janeiro - Friedrichshafen.



LUFTSCHIFF
„GRAF ZEPPELIN”



Assinaturas e capa da lista de passageiros da voo de 11 de abril de 1935 do Zeppelin

ROTEIRO DE 1935
 "QUATRO PEDACOS DO PLANETA
 NO TEMPO DO ZEPPELIN"
 ANNA AMÉLIA CARNEIRO DE MENDONÇA

CONVENÇÕES

percurso a pé / *Footpath*
 percurso a cavalo / *Horse*
 percurso a montanha / *Mountain*
 limite de país / *Country*
 Cidades e localidades / *Cities and Localities*



5 - Artes, carros e outros talentos

Anna Amelia foi uma grande admiradora das belas artes e também uma colecionadora compulsiva, desde os primeiros tempos de seu casamento com Marcos Carneiro de Mendonça. Por onde passasse, no Egito, na "campagne" francesa ou no interior de Minas, abastecia-se de pequenas e grandes raridades, de um pedaço de sarcófago a pratarias, móveis, objetos e um vasto etcétera.

Com o mesmo entusiasmo de seus vinte e poucos anos, corria pelas fazendas e casas da roça com os amigos, encontrando ora uma pesada mesa de jacarandá que sua proprietária acreditava não servir nem para lenha de fogão, ora um oratório do século XVIII. Todo este amor pela arte antiga significava igualmente um importante apoio para os primeiros tempos de funcionamento do patrimônio histórico, através da Sphan, sem deixar de ser um elemento a mais a ser usado nas campanhas de fundos para a Casa do Estudante.

Quantas vezes a casa da família, na rua Cosme Velho, 857, no Rio, não sediou exposições e leilões de arte sacra? A casa, por sinal, é um capítulo à parte na história de Anna Amelia. Construída em 1843 pelo arquiteto José Maria Jacinto Babelo, discípulo de Montigny, que veio para o Brasil com a missão francesa, na segunda década do século passado, foi adquirida pelos Carneiro de Mendonça em 1944. Funcionava então como casa de cômodos. Até sua total desocupação pelas famílias que nela moravam e as reformas por que precisou passar, só foi ser habitada pela família dois anos depois.

Ao final de sua vida - Anna Amelia morreu em 31 de março de 1971 - e até a morte de seu marido, em 1988, ainda conservou o patrimônio acumulado durante todos aqueles anos a colecionar objetos de arte - às vezes tão simples que ninguém à sua volta entendia como podia ela lhes conferir tanto



*Marcos Carneiro de Mendonça em sua biblioteca,
Casa do Cosme Velho - 1966*



Anna Amelia
Casa do Cosme Velho - 1966

valor - às vezes, também, grandiosos. O mais engraçado é que era tudo amontoado em salas, corredores e demais compartimentos, pois nossa amiga, não nos esqueçamos, nunca foi uma dona-de-casa muito metódica.

Na casa da Rua Cosme Velho, Anna Amelia promoveu uma reforma para construir uma garagem. Aproveitou materiais de demolição e procurou dar ao novo espaço uma semelhança com as linhas neoclássicas do casarão. Tudo isto para abrigar o carro que ela, como boa pioneira, dirigia havia décadas. Diz a lenda familiar que Anna Amelia não foi somente uma das primeiras chauffeuses do Rio, mas a maior "barbeira" da cidade durante todo aquele tempo. Teimosa, fazia questão de driblar o motorista contratado para ela nos últimos anos, e nunca deixava de "marcar" o coqueiro que insistia em se interpor entre o Gordini, ou o Simca, e a rua, na entrada da casa. As cicatrizes de suas manobras permanecem até hoje no coqueiro.

Uma habilidade de Anna Amelia admirada - e nunca imitada - pelos que a conheceram mais de perto era o trato com pessoas chatas. Hiperativa em determinados momentos, em geral impaciente com tudo, a poeta possuía um talento especial para os chatos, que colecionava tanto quanto peças de arte. Ao lado da disposição de acompanhar os netos a bailes de carnaval - quando esperava a folia acabar lendo poesia - e de levá-los ao Museu Nacional, a paciência com os chatos era uma de suas características mais evidentes.

"Interessantíssima e interessadíssima, nada que sugerisse uma vovozinha", é como se lembra dela a terceira geração dos Queiroz Carneiro de Mendonça. Bonita, inteligente, sensível - uma mulher especial, é como ficará para sempre na memória de quem teve o privilégio de conhecê-la.



Sylvia Meyer - Retrato de Anna Amelia - pastel, s/d.

Impelaria FERDINANDO
Ed. Silva & C.
RUA do OLVIDOR, 35

Anna Amelia de Queiroz.
Lisboa. 25/11. 1917.

Poesias



ESINA ESTI ENAMORA



Anna Amélia e Laly, na Usina Esperança - 1907

CORAÇÃO ... *

Pequeno coração, quem te gravou um dia
No trono secular dessa árvore gigante?...
Simbolizas a dor, ou és representante
Dum doce sonho azul de amor e de poesia?...

Era quem te traçou um triste que gemia
Ao peso de uma dor atroz e cruciante,
Ou era alguém que a rir, feliz e palpitante,
Te fez simbolizar o ardor de uma alegria?...

Mistério... ó coração pequenino que dormes
Num majestoso tronco entre árvores enormes
Nada podes dizer, e eu te interrogo em vão...

Dorme em paz nesse tronco ereto, nobre, altivo
És sempre um coração, símbolo de outro, vivo.
Dorme!... e guarda o segredo a esse outro coração!

* Poema escrito aos 13 anos



Vista geral da Usina Esperança - 1918

CANTO AO TRABALHO

Trabalho e glória. Quem trabalha
Vive feliz, sereno e são.
No ferro em brasa o homem que malha
Busca a beleza e a perfeição.

Da boca ardente da fornalha
Ergue-se um hino à criação.
Frontes de heróis, que o suor orvalha,
Os vossos louros aí estão.

Quem planta o trigo a vida espalha
Bendito seja quem faz pão!
É ouro em pó cada migalha,
Vale um tesouro cada grão.

Pedra por pedra a alta muralha
Ergue-se aos poucos do ermo chão.
Louvado seja quem de palha
Cobriu a tosca habitação.

Quem fez o pano que agasalha,
Trançando o fio de algodão.
Quem fez a abíssima toalha;
Quem vive negro de carvão,

Quem corta o tronco e nele talha
A mesa a que outros comerão.
Quem cose os pontos da mortalha,
Quem serra as tábuas do caixão.

A vida é áspera batalha
Em que a arma rude é a rude mão.
Bendito seja quem trabalha
Pela grandeza e a perfeição.



MAL DE AMOR

Toda pena de amor, por mais que doa,
No próprio amor encontra recompensa.
As lágrimas que causa a indiferença
Seca-as depressa uma palavra boa.
A mão que fere, o ferro que agrilhoa,
Obstáculos não são que amor não vença;
Amor transforma em luz a treva densa,
Por um sorriso amor tudo perdoa.

Ai de quem muito amar não sendo amado,
E depois de sofrer tanta amargura,
Pela mão que o feriu não for curado...

Noutra parte há de em vão buscar ventura:
Fica-lhe o coração despedaçado,
Que o mal de amor só nesse amor tem cura.



*“Ao querido Papae
Juci e eu muito agradecemos sua boa cartinha.
Mil beijos das filhas
Abraços caralosos
sua Laura”*

CRIANÇAS

Brincam juntas pelas ruas -
Uma loura, outra morena
Risonhas, lindas as duas;
Maltrapilhas, quase nuas,
São lindas, mas causam pena.

Que belas cores as suas!
Uma loura, outra morena.
São duas flores, as duas,
- Uma rosa e uma açucena,
Que vicejam pelas ruas.

São lindas, mas causam pena,
Assim pobres, quase nuas;
A lourinha é mais pequena;
Seus olhos, de luz serena,
São pequenas meias luas.

É maiorzinha a morena
- Um quase nada entre as duas.
Pela tarde fresca e amena,
Correndo, as perninhas nuas,
Têm meneios de falena.

E eu vejo brincar as duas
Na tarde calma e serena.
Rindo, embora sem nuas,
Não mereceis minha pena,
Alegres flores das ruas.



SONETO PARA A MORTE

Quero morrer sem que se desiluda
Este sonho de doce encantamento.
Sem que o tempo, que tudo estraga e muda,
Transforme em treva este deslumbramento.

Quero morrer antes que fique muda
Esta espontânea voz do sentimento.
Antes que a dor, em vendaval, sacuda
A ramaria em flor do pensamento.

Quero que a morte venha impressentida,
Para levar-me em sonho, num transporte.
É que à hora da extrema despedida.

Este amor que vibrou sonoro e forte,
Como um clarim glorificando a vida,
Cante em surdina e me acalente a morte.



Anna Amélia com os filhos José Joaquim, Bárbara Helosbora e Márcia

Minha filha

Debalde procurei a delicada phrase
A rima singular, a palavra que brilha
Para falar de alguém que não existe quase
Que é pura como um sonho e leve como a gaze.
Minha filha

1918.

Sez annos... E essa criaturinha
que não existia quasi começou a
crescer, a pensar, aprendeu a ler, a
escrever, e hoje... até já tem
album de autographos...
"Esta' muito grande." dizem
toctos. No entretanto continua
a caber inteiriinha dentro do
coração da Mãe.

Amã Amelia.

Rio, 19 de Outubro de 1922.



Para aquella...
conyugi...
1928.

una... de...

1928.



O B R A S D E A N N A A M E L I A

L I V R O S

- 1 - MENDONÇA, Anna Amelia Queiroz Carneiro de. *Alma*. Rio de Janeiro: Brasil, 1922. 184p.
- 2 - _____. *Ansicidade*. Rio de Janeiro: Brasil, 1926. 144p.
- 3 - _____. *Castro Alves, um estudante, apenas*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1950. 48p.
- 4 - _____. _____. In: *Temas brasileiros*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1967. p.187-209
- 5 - _____. *30 poemas de Ana Amélia*. Rio de Janeiro: São José, 1957. 94p.
- 6 - _____. *Dois meses entre os americanos*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1944. 50p.
- 7 - _____. *A harmonia das coisas e dos seres*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1936. 103p.
- 8 - _____. *Jóias do Brasil antigo*. São Paulo: Arquimedes, 1968. 63p.
- 9 - _____. *Mal de amor*. Rio de Janeiro: Lithotypographia Fluminense, 1939. 61p.
- 10 - _____. *Poemas*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1951. 147p.
- 11 - _____. *Quatro pedaços do Planeta no tempo do Zeppelin*. Rio de Janeiro: Arquimedes, 1976. 327p.
- 12 - QUEIROZ, Anna Amelia. *Esperanças: recordações de infância*. Paris, Garnier Frères, 1911. 96p.

T R A D U Ç Õ E S

- 13 - SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Tradução de Anna Amelia Queiroz Carneiro de Mendonça. Rio de Janeiro: Agir, 1968. 243p.
- 13 - _____. *Ricardo III e Henrique V*. Tradução de Anna Amelia Carneiro de Mendonça e Bárbara Heliódora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 278p.
- 14 - TODOMUNDO. Tradução de Anna Amelia Queiroz Carneiro de Mendonça. Rio de Janeiro, 1959. 41p. (Original inglês de autor desconhecido; final do século XV)

ARTIGOS DE PERIÓDICOS

- 15- MENDONÇA, Anna Amélia Queiroz Carneiro de. C.E.B. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1943. p.2
- 16- _____. Dentro das tuas mãos. *A Cigarra Magazine*, Rio de Janeiro, v.20, n.4, p.17, jul. 1934.
- 17- _____. Festas populares do Rio Antigo. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, p.120-123, nov. 1965, comemorativa do IV Centenário.
- 18- _____. Lascaux. *Colóquio*, Lisboa, n.16, p.44, dez. 1961.
- 19- _____. Quando a criança começa a pensar. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, out. 1939
- 20- _____. Ronda de imagens. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 7 maio 1933.
- 21- _____. _____. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 ago. 1932.
- 22- _____. _____. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 11 dez. 1932.
- 23- _____. _____. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 2 abr. 1933.

REFERÊNCIAS SOBRE ANNA AMÉLIA

- 1 - ADESÃO de toda a América aos princípios da "Carta do Atlântico". *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 jan. 1943. p.7
- 2 - ANA Amélia de Queirós. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18/19 abr. 1971. p.4
- 3 - ANDRADE, Carlos Drummond. O ser harmonioso. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 abr. 1971.
- 4 - ANDRADE, Theophilo de. A grande dama. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 abr. 1971.
- 5 - UMA ANIMADORA de grandes e scintillantes ideias: Anna Amélia de Queiroz. *O Homem Livre*, Rio de Janeiro, 16 set. 1933. p.14
- 6 - ANNA Amélia. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 11 abr. 1971. p.2

- 7- ____ *Jornal do Recife*, 23 maio 1934
- 8- ANNA Amélia, uma vida cheia de amor e poesia. *Arte & Educação*, Rio de Janeiro, v.1, n.4, p.5, abr. 1971
- 9- ATHAYDE, Austregésilo de. Ana Amélia. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, p.34, 21 abr. 1971
- 10- O BAILE dos novos bacharéis; despedida da Sra Anna Amélia, Rainha dos Estudantes. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 jan. 1929
- 11- A CASA do Estudante do Brasil. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 jul. 1949. p.5
- 12- A CASA do Estudante do Brasil identificada com os ideais democráticos. *Correio Paulistano*, São Paulo, 17 dez. 1944. p.1, 21
- 13- CASA do Estudante do Brasil; aos 50 anos, um "milagre da poesia" em plena atividade. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1979. p.19
- 14- CASAS, Álvaro de las. Ana Amélia. 2.ed. Buenos Aires: Kaur, 1940. 77p. (Guia de los Universitarios Brasileños)
- 15- CORAÇÃO mata Ana Amélia: Casa do Estudante perde presidente. *O Globo*, Rio de Janeiro, 1 abr. 1971. p.2
- 16- ENCICLOPÉDIA da Literatura Brasileira/ Oficina Literária Afrânio Coutinho, Rio de Janeiro: Fundação de Assistência ao Estudante, 1989. v.2, p.894
- 17- O FEMINISMO em Minas. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 ago. 1933.
- 18- Há 42 anos Ana Amélia fundava a Casa do Estudante. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 ago. 1971. p.2
- 19- HERMA de Ana Amélia. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 22 ago. 1972.
- 20- A HOMENAGEM dos estudantes de Direito a Anna Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 4 out. 1933.
- 21- INOJOSA, Joaquim. Ana Amélia. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 13 abr. 1971. p.4
- 22- LIMA, Medeiros. Panorama político. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 28 ago. 1949. p.3
- 23- LIMA JÚNIOR, Augusto de. Anna Amélia, poetisa do Brasil. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, dez. 1938
- 24- O MAGNÍFICO trabalho que vem realizando a Casa do Estudante do Brasil. *A Noite*, São Paulo, 22 mar. 1946.

- 25- MENEZES, Raimundo. **Dicionário literário brasileiro**. 2. ed.
Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. p.436
- 26- O "MEZ feminino" na Escola Agrícola de Viçosa. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 5 jan. 1935.
- 27- AO NASCER, a Casa do Estudante do Brasil teve O Globo como arauto, relembra sua fundadora. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 ago. 1965.
- 28- ONZE anos de realizações em favor da mocidade. **Correio da Noite**, Rio de Janeiro, 11 ago. 1940. p.1
- 29- UMA PALESTRA com a presidente da C.E.B. **Folha Universitária**, Porto Alegre, 15 jun. 1940. p.1
- 30- PASSOU em Curitiba a rainha dos estudantes cariocas. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 22 jul. 1930.
- 31- PELA Associação Internacional de Mulheres Universitárias. **Vanguarda**, Rio de Janeiro, 15 jan. 1934.
- 32- EM PLENA república, o último vestígio reminiscente da grandeza do império. **Vida Doméstica**, Rio de Janeiro, nov. 1928.
- 33- ROCQUE, Carlos. Teto para os estudantes. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 19 jul. 1959.
- 34- SILVA, Roberto. Busto da poetisa Anna Amélia será inaugurado na Esplanada. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 12 ago. 1972.
- 35- STARDAND OIL COMPANY OF BRAZIL. **Honra ao mérito**. s.n.t. 4op.
- 36- SUA MAJESTADE! **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, p.23, 29 set. 1928.
- 37- SUED, Ibrahim. Os mais belos interiores do Rio; nobreza no Cosme Velho. **Manchete**, Rio de Janeiro, n.762, p.94-98, 26 nov. 1966.
- 38- TARDE de cultura e inteligência. **Jornal do Povo**, Itajaí, 7 mar. 1943. p.1
- 39- UXA, Anita. Anna Amélia, a mulher em estado de graça. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 25 abr. 1971. p.7
- 40- VILFREDO, Benedito. Fala Ana Amélia sobre a Casa do Estudante do Brasil. **Jornal da Juventude**, Rio de Janeiro, 28 fev. 1946. p.1

Transcrição da Carta de Anna Amelia

Comecei a fazer versos desde que comecei a pensar e a falar.

Em muito criança, lembro-me bem da constante preocupação que tinha de ler versos, e a constante imaginação de quadrinhas, sonetos e outras produções infantis que me absorvia horas inteiras. Tendo publicado o meu primeiro livro com 14 anos, nele se encontram várias poesias escritas aos 12 e 13, tendo eu ainda guardadas outras anteriores que não quis incluir no pequeno volume de Esperanças.

A minha instrução foi toda feita em casa, na Usina Esperança, fábrica de fê que meu Pai adquirira no Estado de Minas, e na qual trabalhou como um denodado patriota pela definitiva implantação da indústria siderúrgica no país, deixando, ao morrer, vitimado por atroz moléstia de espinha, um nome de que me orgulho fundamentalmente, e um exemplo nobre e grande de trabalhador incansável. Para os operários dessa usina, que hoje tem o nome de seu chefe, Usina Queiroz Júnior, era ele um verdadeiro amigo, um companheiro dedicado que todos procuravam e ouviam com prazer. Sua palavra fluente e serena, revelava-lhe ao primeiro contato a inteligência profunda e brilhante. Ao seu lado, minha Mãe, companheira adorada e meiga, espalhava pela pequena povoação em roda da fábrica, e até pelos recantos do vale em que se erguiam casuas de teto de sapê, uma bondosa solicitude que era o amparo das famílias pobres, das criancinhas doentes, das mulheres sem recursos.

Nesse ambiente de moral superior, de união e de fraternidade com os infelizes, começamos, minha irmã Laura Margarida e eu (só mais tarde nasceu Maria José) a viver e a sentir a verdadeira filantropia, procurando não só instituir hábitos de higiene e de educação entre essas famílias, como ainda incutir-lhes o gosto das coisas de arte, de acordo com a nossa pequena capacidade de crianças e com o restrito espírito do lugar. | Assim é que fizemos numerosos espetáculos de um teatrinho por nós improvisado, cuja estrela, quase sempre autora das peças, era Laura Margarida, e em que tínhamos, as duas, a companhia de meninas e meninos do lugar, todos ensaiados por nós, por nós caracterizados, em representações que jamais poderei esquecer. As palmas do auditório compacto, os operários e os moradores da vizinha vila de Itabira, eram para nós uma alegria sem véu.]*

Os nossos dias eram todos ocupados pelos estudos com as professoras internas que se sucederam em número de cinco, sendo uma brasileira, duas inglesas e duas alemãs. Assim aprendemos a falar correntemente o francês, o inglês e o alemão, fizemos todos os estudos primários e secundários, além de um pouco de música. À tarde, vivíamos uma vida sadia e esportiva, jogando bola e peteca, andando em bicicleta, montando a cavalo, e correndo com a criançada do lugar. À noite, sob a lâmpada da velha mesa de jantar, ouvíamos da voz sonora e vibrante de nosso pai

* Hoje Itabirito, MG

as mais interessantes e profícuas leituras, desde o teatro clássico e dos discursos célebres, até os grandes mestres contemporâneos e os poetas da nossa terra.

Tinha eu 16 anos quando viemos morar definitivamente no Rio. Meu pai já começava a sentir os prenúncios da moléstia fatal que o levaria cinco anos mais tarde, e a sua saúde ameaçada requeria a assiduidade de cuidados médicos. Começou então a minha vida no Rio. Logo nos primeiros tempos, o prazer da vida ao ar livre e o gosto dos esportes levaram-me a ser uma assídua freqüentadora dos campos de futebol, cujo exercício era nessa época o centro de atração mais constante da sociedade e dos rapazes das melhores famílias cariocas. Foi por entre os aplausos frenéticos da multidão e o delírio dos torcedores entusiásticos que vi pela primeira vez Marcos de Mendonça - o homem que seria no meu destino o companheiro para toda a vida. [Por uma casualidade propícia pôde ele aproximar-se de mim e vencer a minha quase selvagem esquivança: a descoberta de velhas e tradicionais relações entre as duas famílias.

Durante quase três anos, foi o nosso idílio uma romântica inclinação sentimental, uma afeição sustentada apenas pela imaginação, incapaz de expansões e atitudes definidas. [Em fins de 1915 éramos noivos, em 1916 anunciava-se oficialmente o pedido de casamento. Aos poucos íamos, minha irmã e eu, fazendo relações e conhecendo a sociedade carioca. Não nos deixamos porém, levar pelos atrativos fúteis da cidade ruidosa, cujo encanto entrevíamos, antes, apenas de ano em ano para a estadia rápida de um mês. Nela aproveitamos o tempo e as facilidades para tomar novas professoras para aperfeiçoamento, e para conhecer de perto as grandes mentalidades da capital seguindo conferências e horas de arte, com o interesse e a curiosidade que as nossas jovens idéias unimavam de um brilho maravilhoso.

[Conhecemos de perto alguns nomes em foco. Alberto de Oliveira, Coelho Neto, Hermes Fontes e Rosalina Coelho Lisboa, então uma menina como nós. Em casa do primeiro, comecei a encontrar outros escritores e poetas, que cercavam de inesperada simpatia os meus versos sem pretensão. Pediam-nos para revistas e jornais. Escreviam sobre eles, coroavam-nos com um louvor que me parecia descabido.]

Em 1917, a 17 de dezembro, casei-me com aquele que fora o meu primeiro entusiasmo ao chegar ao Rio, e que durante todo esse tempo continuava a fixar a razão de ser da minha vida e da minha arte.

Cinco anos mais tarde, animada pelo [interesse do mundo intelectual, cujo convívio só de longe em longe procurava, mas cujo apoio se apresentava espontaneamente em todas as ocasiões;] e levada ainda pelo desejo que meu marido e minha mãe demonstravam de ser publicadas as minhas novas produções], reuni os

meus versos sob o título de Alma, um volume formado por seis partes, e constando de quase todas as produções colecionadas em dez anos de silêncio. A crítica foi a melhor que me seria dado esperar, e o livro teve uma grande repercussão aqui e nos estados. [valendo-lhe ainda a coincidência de sair na mesma época em que o Rito Pagão de Rosalina e a Mulher-Nua de Gilka, o que focalizou vivamente a atenção do público para esses três trabalhos femininos.]

[Nesse mesmo ano estive com meu marido no Recife e na Bahia, onde durante os rápidos dias que nos demoramos em cada uma dessas cidades, tivemos ocasião de tratar com os mais brilhantes nomes locais, tendo sido eu alvo das maiores gentilezas por parte dos meios literários; na Bahia acedendo ao convite do Instituto Histórico, fiz para uma assistência brilhante a leitura do "Alma", ainda no prelo nesta capital, e que foi posto em circulação logo após a minha chegada.]

Só quatro anos mais tarde, em 1926, tornei a reunir em livro as poesias feitas depois do Alma. [Chamei-as Ansiedade, livro que foi lido inédito em São Paulo, a convite de um grupo de notáveis escritores à frente do qual figuravam os vultos hoje desaparecidos de Cerqueira Mendes e de Paulo Gonçalves. A crítica brasileira recebeu com grande generosidade esse novo livro, tornando-se inesquecíveis para mim as páginas que sobre ele foram assinadas por João Ribeiro, Duque Estrada, Múcio Leão, Chermont de Brito, e muitos outros.]

Tenho escrito pouco em jornais. Somente até hoje, algumas crônicas avulsas no Globo, uma colaboração mensal de dois anos no O Jornal, e atualmente, umas pequenas crônicas femininas no Diário de Notícias.

[Fiz em 1928 uma conferência no Instituto Histórico e Geográfico, a convite do Conde de Affonso Celso sobre "Poetisas e Prosadoras Brasileiras", conferência esta recentemente publicada na Revista do Instituto. Nesse gênero de literatura em que nunca me especializei, só fiz, há pouco, mais uma palestra intitulada "Um salto de meio século", e que se refere à evolução da mulher nestes últimos anos.]

Da palavra falada sempre me preocupo esquivar, a não ser para dizer com a maior naturalidade e despreensão os meus próprios versos, e para falar, às vezes, aos estudantes, cuja causa me interessa vivamente e cuja simpatia me exige, por vezes, algumas palavras de entusiasmo.

Em 1928, ainda, fui por eles feita "Rainha dos Estudantes", título simbólico e fictício, cuja inconsistente significação procurei transformar em atividade eficiente na organização de um plano de defesa dos interesses da classe acadêmica e da solução do problema da habitação para os moços universitários, plano que já vivia na aspiração sincera dessa mocidade idealista resumido na idéia da Casa do

Estudante - centro de uma nova visão da vida escolar e de cooperação prática dos estudantes. Em 1929 foi fundado o Comitê Central pró Casa do Estudante, tendo sido eu aclamada presidente do mesmo.

No terreno da filantropia, dediquei-me desde muito à grande causa das mães desamparadas e das crânquinas desvalidas, tendo sido eleita a secretária da Associação Pro Matre, onde o nobre exemplo da sua presidente perpétua, Sra Stella Guerra Duval, é um incentivo constante ao nosso anseio de fazer bem. Sou há dois anos Vice presidente da mesma, acabando de ser reeleita para o próximo biênio. Faço parte do Conselho Diretor da Associação Brasileira de Educação, da Diretoria da Associação Cristã Feminina, do Conselho da Associação dos Artistas Brasileiros, de uma seção da Federação Brasileira do Progresso Feminino, de uma comissão da Federação das Sociedades de Assistência aos Lázarus, sendo ainda sócia de inúmeras outras organizações de assistência social.

Não professando nenhuma religião auxilio constantemente festas de benefício de associações de todas as orientações religiosas, interessando-me, apenas, pelo socorro que elas possam trazer à humanidade que sofre e que precisa de amparo. Assim a minha vida social se resume em procurar ser útil aos meus semelhantes, como a minha vida íntima se resume em procurar fazer a felicidade dos que me cercam.
[Moramos, meu marido e eu, com minha Mãe, à rua Marquês de Abrantes, 189. Temos três filhinhos - duas meninas e um rapaz, que são a nossa grande alegria na vida. A eterna lembrança de uma pequenina que perdemos aos sete meses, é a única nuvem que perturba a serena felicidade que realizamos.]

[Vejo que me alonguei demasiado na dissertação que lhe devia sobre a minha vida. O Sr. fará um resumo dessa história tão pouco valiosa, e dará aos seus leitores apenas o indispensável à orientação do seu trabalho.

Sem mais, cumprimentá-o cordialmente,]

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE ANNA AMÉLIA QUEIROZ CARNEIRO DE MENDONÇA

CURADORIA DA EXPOSIÇÃO

Luís Augusto de Lima

FICHA TÉCNICA DO LIVRO

© 1996, Anna Amélia, Alma de Cristal

EDIÇÃO

BDMG Cultural

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Lúcia Nemer e Gullí Seara

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Luís Augusto de Lima

REPRODUÇÃO FOTOGRÁFICA

Joãozinho Motta

PRODUÇÃO GRÁFICA

Escritório de Design: Lúcia e Gullí

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO GRÁFICA

Júnia Penna

FOTOLITO

Via Cravo Artes Gráficas

TRATAMENTO DIGITAL DE IMAGENS

Alair Reis da Silva

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Rona Editora

Agradecimentos

A Família Carneiro de Mendonça pelos depoimentos prestados e cessão do material documental e iconográfico. Academia Feminina de Letras. Academia Mineira de Letras. Sociedade Amigas da Cultura.

Todos os direitos reservados por BDMG Cultural
(Instituto Cultural Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais)
Rua da Bahia, 1600 - Lourdes - 30160-907 - Belo Horizonte - MG
Tel: (61) 319 8384 / 319 8382 - Fax: (61) 319 8519

Esta obra foi produzida num sistema de editoração eletrônica Macintosh usando os programas QuarkXPress 3.3 e Photoshop 3.0. O texto foi composto na fonte Didot corpo 10pt. Os gráficos foram executados por Via Cravo Artes Gráficas Ltda, em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. A impressão foi realizada em papel couchê branco 150g pela Rona Editora Ltda, em Belo Horizonte, para o Instituto Cultural Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais - BDMG Cultural, Belo Horizonte, outubro de 1996.



*Marcia com
 Brangiteba Dindaluba Laura Bibolara Laura Dona
 no volo (Margariada Marcia) Heliodora Constanço Laura*

*Agnes Lady
 Andregecido Vahote Tania Amcha Marco*



SITE: www.patrus.com.br
PRV ATENÇÃO 0800-55-85



O BDMG Cultural convida V. Excia e Exma.
família para o chá de abertura da exposição

"Anna Amélia, Alma de Cristal".

Local: BDMG Cultural - Rua Bernardo Guimarães, 1600

Data: 17 de outubro de 1996

Horário: 17 horas

